

VIDA LITERÁRIA EM O PÃO DA PADARIA ESPIRITUAL, FORTALEZA, 1892-1896

Leonardo Mendes

RESUMO: Por meio do estudo do jornal *O pão da Padaria Espiritual*, que circulou em Fortaleza entre os anos de 1892 e 1896, podemos conhecer aspectos da vida literária de um grupo de jovens escritores nordestinos em busca de afirmação no campo literário brasileiro nos primeiros anos da república. O periódico revela intensa troca cultural e circulação de impressos entre as regiões do Brasil e a Europa, assim como a adoção da estética naturalista como aquela adequada para a descrição dos novos tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Vida literária; Padaria Espiritual; Naturalismo.

ABSTRACT: *The periodical O pão da Padaria Espiritual, which circulated in Fortaleza between the years 1892 and 1896, reveals aspects of the literary life of a group of young writers in search for affirmation in the Brazilian literary field during the first years of the republic. The periodical reveals intense cultural and printed material exchange between the regions of Brazil and Europe. It also reveals that naturalist aesthetics was thought to be the best suited to describe contemporary times.*

KEYWORDS: *Literary life; Padaria Espiritual; Naturalism.*

Fundada em Fortaleza em maio de 1892, a Padaria Espiritual foi uma agremiação de jovens artistas (pintores, músicos e escritores) cearenses. A Padaria era um local de encontro da juventude culta da cidade, onde eles podiam falar abertamente sobre arte, literatura e sexo. Antônio Sales (1868-1940), com vinte e quatro anos, foi o fundador da Padaria e seu mais importante divulgador até 1898, quando a agremiação encerrou suas atividades. Os membros eram chamados “padeiros”. Cada um adotava um nome de guerra, ao mesmo tempo cômico e agressivo (NAVA, 2002). Antônio Sales era “Moacir Jurema”. Com esse nome ele assinava crônicas, contos, editoriais e poesias no jornal da Padaria, chamado *O pão*, do qual ele foi diretor e principal colaborador, de 1892 a 1896, quando a publicação faliu (CARDOSO, 2002; MOTA, 1994). A coleção completa perfaz trinta e seis números, sendo seis números da primeira fase (julho a dezembro de 1892) e trinta da segunda (janeiro de 1895 a outubro de 1896). Em 1982 a Universidade Federal do Ceará, em parceria com a Prefeitura de Fortaleza e a Academia Cearense de Letras, fez uma edição fac-similar dos trinta e seis números de *O pão*.

No intervalo de quatro anos e meio em que circulou, *O pão* esteve suspenso por dois anos, entre janeiro de 1893 e janeiro de 1895, por razões econômicas

(MOTA, 1994). Havia diferenças de tamanho, periodicidade, organização e formação entre as fases. Na primeira, o jornal era um folheto de oito páginas, publicado irregularmente, com duas colunas, sem anunciantes. Na segunda fase, ele aparece maior, ainda com oito páginas, mas agora divididas em três colunas mais longas, com publicação quinzenal e com anunciantes. Até o número 19 (1º de julho de 1895), as duas últimas páginas eram reservadas a eles. Do número 20 (15 de julho de 1895) ao 30 (15 de dezembro de 1895), ficam restritos à última página. Os seis últimos números circularam sem anunciantes, sugerindo a deterioração dos acordos que viabilizavam a circulação do impresso (e a própria Padaria). Os anunciantes eram agentes do pequeno e médio comércio de Fortaleza: joalheiros, farmacêuticos, donos de restaurantes e de lojas de utilidades domésticas. Na primeira fase, um número avulso de *O pão* custava cem réis. Custava na segunda quinhentos réis, a despeito dos anunciantes, o que não fazia do jornal uma publicação barata, quando sabemos que um exemplar de *A semana*, de Valentim Magalhães (1859-1903), saía no Rio a duzentos réis, e que com dois mil réis se podia comprar um exemplar novo de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913).

Além da diferença de preço e formato entre as fases, *O pão* muda também de tom e de posicionamento. A primeira fase é boêmia, iconoclasta e satírica (AZEVEDO & CARVALHO, 1992; CAMINHA, 1999). A segunda é mais séria e acadêmica, mas ainda firme e crítica. A mesma diferença entre as fases se verifica na dinâmica dos encontros dos padeiros, chamados de *Fornadas*, realizadas no *Forno*. As primeiras Fornadas eram festas barulhentas, com largo consumo de álcool e música ao vivo. Um endereço característico dos encontros da primeira fase foi um armazém ocioso na zona portuária de Fortaleza, cuja porta de entrada foi grafitada com labaredas de fogo pelo padeiro-pintor Luís Sá (TINHORÃO, 1966). Na segunda fase, as fornadas se transformaram em jantares ordeiros, sempre às quartas-feiras, nas casas de padeiros, geralmente de Antônio Sales ou Rodolfo Teófilo (1953-1932), autor de *A fome* (1890), romance precursor da tradição da “literatura da seca” (SALES, 1938).

Tais diferenças, entretanto, não nos impedem de pensar os padeiros como porta-vozes de um dissenso (político e estético) próprio da crise do Brasil imperial (MENDES, 2007). Eles eram herdeiros da tradição das campanhas pela abolição e pela república, contra as oligarquias locais. Eram rapazes oriundos dos setores médios e baixos da capital e do interior, para os quais uma carreira de escritor ou artista era uma forma de ascensão social. Antônio Sales era “um jovem caixeiro letrado” do município de Soure, enquanto Lívio Barreto (1870-1895) era filho de pequenos agricultores do município de Granja (CARDOSO, 2002, p. 50). As referências culturais dos padeiros eram, portanto, lastreadas na experiência

social das classes subalternas (CARDOSO, 2002). Os primeiros números de *O pão* foram rodados na tipografia do jornal *O operário*. No número 3 (6 de novembro de 1892), os padeiros divulgaram nota sobre a quermesse que o Partido Operário planejava realizar na cidade em benefício das aulas noturnas que funcionavam no salão do mesmo partido. Daí o projeto de organizar e publicar um cancionário popular cearense (item 32 do programa de instalação), que a Padaria Espiritual em parte realizou por meio de seu periódico. Para os padeiros, nas palavras de Adolfo Caminha (1867-1897), no número 2 de *O pão* (17 de julho de 1892), a Padaria Espiritual expressava “a alegre vitória da mocidade” (p. 3) sobre o tédio e a mesmice dos velhos costumes.

Por meio do jornal *O pão*, de Fortaleza, podemos vislumbrar facetas da vida literária destes jovens cultos sem fortuna de um centro cultural periférico do país, na busca de inserção e afirmação no campo literário brasileiro da última década do século XIX – tempos da tumultuada primeira década republicana. Por sua condição periférica, interessava aos padeiros travar contatos e estabelecer vínculos com outros agentes de outros centros culturais, especialmente em Portugal e no Rio de Janeiro. Esses vínculos, construídos e fortalecidos pelo empenho de Antônio Sales (BÓIA, 1984; CARDOSO, 2002), promoviam o envio para a Padaria de livros, revistas, folhetos e impressos desde sua fundação. A ideia de formar uma biblioteca da Padaria visava à criação de um acervo alternativo de obras que não estava disponível para compra nas duas livrarias de Fortaleza. O programa de instalação da Padaria dizia: “Trabalhar-se-á por organizar uma biblioteca, empregando-se para isso todos os meios lícitos e ilícitos”; e em seguida: “Dirigir-se-á um apelo a todos os jornais do mundo, solicitando a remessa dos mesmos à biblioteca da Padaria”, acenando para a fome de novas ideias e livros que animava os rapazes. Em troca e reconhecimento pelo envio de impressos, os padeiros enviavam exemplares de *O pão*.

A chegada destes impressos era registrada no jornal. No número 5 (24 de dezembro de 1892), ficamos sabendo que a Padaria recebera três obras do escritor português Abel Botelho (1856-1917), enviadas pelo próprio: *Lira insubmissa* (versos), *Germano* (drama em verso) e *Barão de Lavos*, um romance naturalista sobre a homossexualidade. De Viana do Castelo, em Portugal, o escritor Luiz Trigueiros enviou para os padeiros a comédia em versos *As abelhas* (1895), de sua autoria. Outro fornecedor da biblioteca da Padaria foi o escritor português Joaquim de Araújo (1858- 1917), Cônsul de Portugal em Gênova, de onde enviou em abril de 1895 os seguintes títulos: *Flores da Noite*, *Zara*, *Sá de Miranda*, *Luís de Camões*, *Carta do Dr. Rodrigo Veloso*, *A poesia na atualidade*, e os três primeiros volumes da *Revista Portuguesa*, da qual ele era diretor. Em agosto de 1896 Araújo enviou para

Fortaleza panfletos de traduções italianas de poemas portugueses, além de um exemplar dos Anais do *Deuxième Congrès International de la Presse*. O pão acusa repetidas vezes o recebimento da *Revista de Hoje*, publicada no Porto, e da *Mala da Europa*, folha portuguesa publicada em Lisboa.

O pão registra intensa circulação de revistas e panfletos entre as regiões do Brasil. Para dar visibilidade a essas trocas, os padeiros criaram duas seções na segunda fase do jornal: “Imprensa Literária” e “Arquivo”. Em ambas as seções os impressos nacionais são a grande maioria. Entre 1895 e 1896, a Padaria recebeu regularmente exemplares de *A semana*, a *Revista Brasileira*, a *Revista Ilustrada*, a *Crônica Ilustrada*, *A bruxa*, *Dom Quixote*, *O farol*, a *Rio Revista* (“revolucionário órgão dos novíssimos”) e *A verdade*, do Rio de Janeiro; de São Paulo vieram o *Correio Paulistano*, a *Revista literária*, o *Diário Popular* e a revista *A plateia*. Sem pretender ser exaustivo, os padeiros receberam ainda remessas regulares das revistas *O cisne* (jornal literário de Ouro Preto), *A renascença* (revista literária e científica da Bahia), *A vanguarda* (revista literária de Pernambuco), *A luva* (jornal literário e humorístico de Santos), *Revista literária* (do Gabinete de Leitura de Goiana, Pernambuco), *A madrugada* (publicação portuguesa), *A centelha* (revista de Cametá, no Pará), *O cenáculo* (revista literária de Curitiba), *Revista do Norte* (de Salvador), *Revista acadêmica* (do grêmio da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro), *A página* (revista literária do Rio Grande do Sul), *Revista contemporânea* (de Pernambuco), *O alfa* (“jornalzinho de alguns estudantes de preparatórios da Capital Federal”), e a *Revista de Educação e Ensino*, uma publicação da Direção Geral de Instrução Pública do Estado do Pará.

Livros de todas as partes do Brasil chegavam regularmente à Padaria, numa média de um ou dois volumes por semana, fornindo sua biblioteca. A chegada desses acervos era registrada na seção “Bibliografia”, que aparece durante toda a segunda fase de *O pão*. Entre diversas entradas, vale destacar a atuação do editor Domingos Magalhães, da Livraria Moderna, que enviou do Rio de Janeiro o romance *O invejado* (1895), de Afonso Celso (1860-1938), e o volume de contos *Carícias* (1895), de Garcia Redondo (1854-1916). Nessa mesma época, Magalhães era editor do padeiro Adolfo Caminha, no Rio, onde publicara, do autor, a narrativa de viagem *No país dos ianques* (1894), além dos romances *A normalista* (1893) e *Bom-Crioulo* (1895), filiados à estética naturalista, pelo qual o editor pagou dois contos de réis ao escritor (BEZERRA, 2009). Em 1895 a Livraria Moderna também publicou o romance *Miragem*, de Coelho Neto (1864-1934), outro jovem escritor em ascensão, sugerindo que havia no Rio de Janeiro um editor e um mercado para a literatura dos novos e para a estética naturalista (EL FAR, 2004; 2010).

Da Capital Federal vieram também os livros de versos *Decrepitude metro-maniaca* (1895) e *Produções da caducidade* (1896), do Padre Correa de Almeida (1820-1905), cuja verve satírica era idolatrada pelos padeiros (ARAÚJO, 2007). Do Recife, os editores Hugo & Cia enviaram o volume *Frases e fantasias* (1894), de Clóvis Beviláquia (1859-1944), que colaborava com *O pão*, assim como um volume de contos e poesias nada castos, intitulado *Coisas castas* (1895), do escritor Claudio Gil. Um volume de poemas decadentistas de Dario Veloso, chamado *Esquifes*, chegou de Curitiba em 1896. De São Paulo o editor Horácio Belfort Sabino enviou uma coletânea de versos intitulada *Mármore*s (1895), da escritora Francisca Julia da Silva (1871-1920), que no Rio colaborava com Artur Azevedo (1855-1908) em *O álbum*, e com Valentim Magalhães em *A semana*. A chegada de *Brasões* (1895), de B. Lopes (1859-1916), foi anunciada com estardalhaço por Antônio Sales no número 26 de *O pão* (15 de outubro de 1895), para quem o poeta de Rio Bonito pertencia à “mais pura aristocracia do talento” (p. 6). Do norte, a Editora Livraria Paraense, do Pará, enviou para a Padaria o volume de versos *Coisas profanas* (1895), de Acrísio Mota, prefaciado pelo escritor Adherbal de Carvalho (1872-1915), autor do primeiro estudo sobre a estética naturalista no Brasil (CARVALHO, 1894).

O anúncio destas trocas era uma forma de dar publicidade aos vínculos de solidariedade, fortalecendo-os para as batalhas de reconhecimento artístico (MAINGUENEAU, 2006). Os padeiros se empenhavam em conquistar a simpatia de determinados agentes influentes do campo literário, nomeando-os padeiros-correspondentes, tal como fizeram com Coelho Neto, Raimundo Correa (1859-1911) e Olavo Bilac (1865-1918), na capital, e Garcia Redondo, em São Paulo, entre outros. Chegaram a criar, na segunda fase de *O pão*, uma seção especial, chamada sintomaticamente de “Medalhas”, dedicada a homenagear determinados escritores contemporâneos. Nos números 7 (01 de janeiro de 1895), 8 (15 de janeiro de 1895), 9 (01 de fevereiro de 1895) e 10 (15 de fevereiro de 1895), a seção “Medalhas” dedicou um soneto a três escritores por número, num total de doze sonetos, todos assinados por Antônio Sales. Os homenageados foram os seguintes, nessa ordem: Machado de Assis (1839-1908), Padre Corrêa de Almeida, Aluísio Azevedo, Raimundo Corrêa, Afonso Celso, Coelho Neto, Olavo Bilac, Artur Azevedo, Valentim Magalhães, Ferreira de Araújo (1847-1900), Augusto de Lima (1859-1934) e Garcia Redondo. Muitos homenageados eram padeiros-correspondentes, publicavam regularmente em *O pão*, e foram objeto de resenhas elogiosas publicadas no periódico.

Para se ter uma ideia de como estas homenagens podiam servir também como estratégias de legitimação de uma obra e de um posicionamento, vejamos o excelente soneto que Antônio Sales escreveu para Aluísio Azevedo, no número 7 de *O pão* (p. 5), o primeiro da segunda fase do jornal:

Vitorioso saiu do pugilato
Que sustentou com o velho romantismo
E entrou na arena do naturalismo
Sobraçando o volume de *O mulato*.

Artista são, forte, intemerato,
Da alma sondou o fundo abismo,
E o *Coruja* em seu túbio nervosismo,
Da aguda pena lhe saiu de um jato.

Fugindo o engodo das frivolidades,
Que a tantas juvenis mentalidades
Tem roubado a opulência, a força e o viço;

Trabalhos fez que os tempos não consomem
Fazendo a *Casa de pensão*, *O homem*
E as páginas intensas de *O cortiço*

Quando examinamos a lista dos escritores brasileiros contemporâneos homenageados pelos padeiros, notamos a presença de escritores jovens em ascensão, como Coelho Neto, Bilac e Raimundo Correa, que tinham mais ou menos a mesma idade que Antônio Sales e os padeiros de Fortaleza. Todos os três foram receptivos aos encômios e enviaram cartas de agradecimento que foram publicadas em *O pão*. Bilac tinha vinte e nove anos por ocasião desta homenagem, sugerindo que, desde cedo, ele e Coelho Neto já exerciam certa dominância no campo literário. Os irmãos Artur e Aluísio Azevedo eram um pouco mais velhos, mas mantinham relações bastante próximas com os novos, da capital, onde tinham carreiras consolidadas, e das províncias. Valentim Magalhães era da geração dos novos e dirigia a prestigiada revista *A semana*, que viria a publicar textos de Antônio Sales quando este se mudou para o Rio de Janeiro, em 1896. O soneto dedicado a Ferreira de Araújo, dono do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio, estabelecia um vínculo com o empregador dos sonhos de qualquer jovem escritor brasileiro da geração dos padeiros (BILAC, 1996). E havia ainda representantes ilustres da velha guarda, como Machado de Assis, sugerindo que o velho bruxo era percebido como um “mestre” simpático aos reclames da nova geração (p. 5):

Da mão de mestre saem-lhe aos punhados
As joias mais custosas e mais finas,
Quer traçando períodos iriados,
Quer cinzelando estrofes peregrinas.

Penetra nos recônditos vedados
Do coração juguete de ferinas

Paixões, e encontra vermes celerados
Que o reduzem a lóbregas ruínas

Narra da vida palpitantes cenas,
Dardeja as leves setas da ironia,
Tange de amor a mística teorba

Segue o voo irrequieto de *Falenas*,
Pinta os amores de *Iaiá Garcia*,
Cria o tipo imortal de *Quincas Borba*.

Os padeiros reclamavam do preço cobrado pelos ingressos de espetáculos teatrais, mas anunciavam, acompanhavam e comentavam com entusiasmo a chegada de novas companhias à cidade. No dia 17 de julho de 1892, anunciam a estreia no Teatro São Luís da Companhia de Zarzuelas, das quais o articulista destaca a *Château Margau* (1887), opereta de um ato criada pelo dramaturgo José Jackson Veyan (1852-1935), em parceria com o compositor Manuel Fernández Caballero (1835-1906), ambos espanhóis. Resultado de uma exótica mistura de gêneros, a zarzuela surgiu no século XVII e conheceu na segunda metade do século XIX uma idade de ouro. O tipo mais comum de zarzuela apresentava uma mistura de árias e composições musicais com diálogos em prosa e verso, canções populares e personagens da comédia popular (WEBBER, 2002). Em novembro do mesmo ano, Fortaleza receberia outra Companhia de Operetas que trazia vários espetáculos inéditos na cidade, como o “excelente” *Surcouf* (1887), do compositor francês Jean Robert Planquette (1848-1903), autor de uma das mais bem sucedidas operetas de seu tempo, a *Les cloches de Corneville* (1887), também encenada no São Luís, assim como o terceiro ato de *Hernani* (1830), de Victor Hugo (1802-1885).

No número 13 (1 de abril de 1895), *O pão* anunciava para breve a chegada em Fortaleza da Companhia Dramática da célebre atriz Apolônia Pinto (1854-1937), que trazia em seu repertório “peças muito estimadas pelo público” (p. 6), com destaque para os dramas do bem-sucedido dramaturgo e romancista francês Adolphe d’Ennery (1811-1899). Quinze dias depois o jornal confirmava o sucesso da companhia, que representou os seguintes dramas, aparentemente nenhum de d’Ennery: *Filha única*, *A doida de Monte Mayor*, *A Morgadinha de Valflor* (1865), do escritor português Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (1842-1895) e *Fé, esperança e caridade*. E ainda, numa longa coluna dedicada ao teatro, publicada no número 26 (15 de outubro de 1895), o padeiro Sabino Batista tece elogios à Companhia de Teatro Vasconcelos & Silva, que vinha apresentando com sucesso espetáculos no São Luís. Representaram o vaudeville *Niniche* (1878), do belga Alfred Hennequin (1842-1887) e do francês Albert Millaud (1844-1892), as peças *Joana Ferraz*, de Moreira

de Vasconcelos, e *Como se fazia um deputado* (1882), de França Junior (1838-1890); *O Conde Monte Cristo*; a revista *O diabo na Beócia* (1895), recém-publicada na Bahia pelos dramaturgos Sílio Boccanera Júnior (1863-1928) e Alexandre Fernandes (1863-1907); e a comédia portuguesa *O grande de Lisboa* (ARAÚJO, 1977).

Na profusão de artigos, crônicas e editoriais espalhados por *O pão*, aparecem menções a jornais e revistas europeus, mas não sabemos se faziam parte do acervo da biblioteca da Padaria. Os padeiros conheciam, por exemplo, o jornal londrino *Pall Mall Gazette*, que eles evocam, no número 1 (10 de julho de 1892), ao descrever, com horror, a zona de prostituição de Fortaleza. O *Pall Mall Gazette* era um jornal conservador inglês, ligado a homens de dinheiro e poder, que publicara, na década de 1880, uma série surpreendente de reportagens sobre a prostituição infantil em Londres (SCOTT, 1950). Podemos supor com segurança que os padeiros conheciam o jornal e teriam lido as reportagens, sugerindo que eles tinham acesso a impressos recém-publicados na Europa. Numa fornada na casa de Antônio Sales no início de 1895, o padeiro Bruno Jacy (José Carlos Júnior) leu uma tradução sua do artigo “Des Arts nouveaux! Ou Le Hasard dans la Production Artistique”, do dramaturgo sueco August Strindberg (1849-1912), que havia sido originalmente publicado menos de dois meses antes em *La Revue des revues*, em Paris.

Na segunda fase de *O pão*, aparecem estudos científicos publicados em partes, em edições sucessivas, com destaque para o longo trabalho do padeiro José Carlos Júnior (1860-1896), “A infância outrora e hoje”, e um estudo meticuloso de Rodolfo Teófilo em que ele refuta a teoria de que as manchas solares tinham relação com a seca do Ceará, intitulado “As manchas do sol e as secas”. O gênero do ensaio acadêmico os obrigava a indicar as fontes, o que nos permite conhecer o que lia a juventude letrada de Fortaleza na década de 1890. Tais obras possivelmente faziam parte do acervo da biblioteca da Padaria, das coleções particulares dos padeiros, ou ainda da Biblioteca Pública de Fortaleza, cujos horários, insistiam os rapazes em *O pão*, deviam ser estendidos.

José Carlos Junior, “poliglota e grande sabedor de história, de geografia e um grande curioso em ciências naturais” (SALES, 1995, p. 115), cita o escritor francês René Vallery-Radot (1853-1933), cujo *Sentiments de famille* ele havia lido na *Revue Politique et Littéraire* de 1891. Conhecia o *Principles of Sociology* (1874), de Herbert Spencer (1820-1903), o *Cité Antique* (1864), de Fustel de Coulanges (1830-1889), assim como o *La sociologie* (1880), de Charles Letourneau. Em *La Nouvelle Calédonie et ses habitants* (1862), de Victor de Rochas, José Carlos Júnior colheu exemplos de relativismo cultural para seu estudo sobre a concepção da infância ao longo da história. Para provar que algumas sociedades praticavam o infanticídio, o padeiro cita *La morale* (1884), do historiador e filósofo francês Eugène Veron (1825-1889).

Embora não fosse tão preciso na explicitação de suas fontes, Rodolfo Teófilo aparentemente conhecia os catálogos do astrônomo inglês William Herschel (1738-1822), descobridor do planeta Urano. Em 1864 os catálogos haviam sido reunidos e publicados por seu filho sob o título de *General Catalogue of Nebulae and Clusters*. Do astrônomo francês François Arago (1786-1853), Teófilo cita o *Astronomie Populaire* (17 volumes, 1854-1862). Outra fonte científica a que o padeiro teve acesso foi o *Traité de physiologie humaine* (1873), do antropólogo e médico francês Gustave Le Bon (1841-1931).

Os padeiros dão provas de que conheciam as principais obras das literaturas portuguesa, francesa e brasileira do século XIX. Havia tensões e conflitos entre eles, é certo, de modo que não seria prudente supor que houvesse “organicidade intelectual” no grupo (CARDOSO, 2002, p. 30). Entretanto, na busca e afirmação de uma dicção moderna, os padeiros apreciavam Eça de Queirós (1845-1900) e Emile Zola (1840-1902), de quem conheciam o ensaio “O romance experimental” (1880), de importância central para a estética naturalista. Na semana da morte de Edmond de Goncourt (1822-1896), Antônio Sales assinou no número 32 de *O pão* (31 de agosto de 1896) um longo obituário sobre o escritor e seu irmão Jules (1830-1870), no qual demonstra grande intimidade com a literatura de seu tempo. Sales louva a “precisão maravilhosa” da *écriture artiste* dos irmãos Goncourt, dos quais havia lido, na ficção, *Sœur Philomène* (1861), *Germinie Lacerteux* (1865), *Manette Salomon* (1867) e *Madame Gervaisais* (1869), e ainda a narrativa descritiva *La Maison d’un artiste* (1881), além do *Journal des Goncourt* (1851-1896), “uma espécie de carteira de notas em que desde 1851 registravam diariamente as suas impressões e esboçavam a traços ligeiríssimos figuras e fatos contemporâneos” (p. 2).

Como periódico de um grupo de jovens escritores empenhados em viabilizar uma carreira de artista, *O pão* reúne vasta produção ficcional inédita dos padeiros, nos gêneros da poesia e da prosa curta. Ganha destaque a seção “Cromos”, da segunda fase, na qual o padeiro Augusto Xavier de Castro (1858-1895) publicava sonetos com versos de sete sílabas, próprios da literatura de cordel e das baladas populares, descrevendo cenas do cotidiano da vida simples na província. Há quadros sobre bêbados cambaleando a caminho de casa, velhas costureiras, casamentos no interior, dias de chuva, animais domésticos, além de trabalhadores humildes, como em “A lavadeira”, no número 10 (15 de fevereiro de 1895):

Eva é moça; vem da fonte
Trazendo a roupa lavada,
Abre a trouxa, ali sentada
Da cozinha bem defronte.

Separa de monte em monte
 Camisa e saia arrendada,
 Depois diz: sinhá D. Amada,
 Aqui está sua roupa, conte.

Enquanto contam-se as peças
 O preto Thomaz, às pressas,
 Beija Eva; ela diz: bruto!

Tu deixa de atrevimento
 Moleque, tem fundamento
 Sai daí, negro! Charuto!

Nos gêneros em prosa, *O pão* publicava excertos de narrativas em preparação dos padeiros, como capítulos dos romances de Rodolfo Teófilo, e notadamente, no número 30 (15 de dezembro de 1895), o capítulo IV do romance naturalista *Dona Guidinha do Poço*, do escritor cearense Manuel de Oliveira Paiva (1861-1892), cujos originais estavam em posse de Antônio Sales desde a morte do escritor e que só seriam publicados em formato de livro em 1952, graças ao empenho de Lúcia Miguel Pereira. Já o gênero curto do conto era praticado por vários padeiros e ocupava, na segunda fase de *O pão*, grande espaço do jornal. Podemos arrolar pelo menos trinta e um contos publicados no periódico nos anos 1895 e 1896, conforme tabela abaixo. São contos realistas/naturalistas que descrevem cenas do cotidiano das pessoas comuns, como o caixeiro Zé Guedes, em “As aventuras de Zé Guedes”, de Antônio Bezerra, ou como o rapaz órfão, sozinho e matuto, que assenta praça na força policial de Fortaleza por falta de opção melhor, no conto melancólico “O caso do sargento”, de Artur Teófilo.

PADEIRO	TÍTULO	NÚMERO
Cabral de Alencar	A nevrose de Cláudio	07
	A rival	09
	Mística	11
Artur Teófilo	A morte da avó	07
	Tísica	09
	O exame primário	10
	Desmoronamento	15
	O caso do sargento	31
José Carlos Júnior	O prato do Julinho	09
Ulysses Bezerra	Prêmio merecido	08

José de Carvalho	O batismo	11
	Uma família romântica	30
	Fraqueza do próximo	34
Eduardo Saboya	O trem de ferro	12
	No mar do norte	15
Gil Navarra	O sereno	12
Frvolino Catavento	Feliz	16
	Triste, triste	19
	Entre-idílio	21
Antônio Sales	Transpondo a serra	20
	No trem	22
	No mar	23
	O pai André	28
	Um dia sem M.	35
Antônio Bezerra	As aventuras de Zé Guedes	28
Rodolfo Teófilo	O pombal	31
	A farinhada	33
	Luta pela vida	34
	O boi estrela	35
Roberto de Alencar	O presente	32
	O casaco de rendas	34

A leitura do jornal *O pão* sugere que a juventude letrada de Fortaleza podia encontrar na Padaria Espiritual (ou nas bibliotecas da cidade) um acervo representativo de impressos contemporâneos, publicados na França, na Inglaterra, em Portugal e no Brasil, nos últimos trintas anos do século XIX. Por empenho próprio, os padeiros foram em parte responsáveis pelo aumento numérico e qualitativo destes acervos. Amparados por esta bibliografia nova, os padeiros se viam como produtores de um conhecimento novo (e de uma literatura nova) sobre o Brasil, e especialmente sobre o Ceará. Nos gêneros em prosa é notável a presença do naturalismo, que teria no padeiro Adolfo Caminha um dos escritores mais representativos da estética no Brasil, assim como em Rodolfo Teófilo nos romances sobre o sertão cearense, e ainda no único romance que Antônio Sales viria a publicar, *Aves de arribação* (1903). Em matéria de teatro, os rapazes pareciam abraçar todos os gêneros, mas especialmente os gêneros populares: a opereta, o vaudeville, a comédia e o teatro de revista. Os padeiros procuravam se manter atualizados sobre os avanços da filosofia e da ciência contemporâneas. Eram ao mesmo tempo curadores das tradições populares do Ceará e entusiastas da civilização moderna.



Primeira página do nº 2 da edição em fac-símile de O pão da Padaria Espiritual, 1982. Fortaleza, 30 de outubro de 1892. Foto de Leonardo Mendes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma república? Padre Correia de Almeida e sua sátira ao Brasil oitocentista*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- ARAÚJO, Nelson de. Alguns aspectos do teatro no Brasil nos séculos XVIII e XIX. *Latin American Theatre Review*. Lawrence: University of Kansas (EUA), vol. 11, n. 1, p. 17-24, 1977.
- AZEVEDO, Rafael Sânzio de & CARVALHO, Gilmar. *Padaria Espiritual: resgate e permanência da molecagem cearense*. Fortaleza: Edições Fundação de Cultura e Turismo, 1992.
- BEZERRA, Carlos Eduardo. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- BILAC, Olavo. Ferreira de Araújo. In: _____. *Vossa insolência: crônicas*. São Paulo: Cia das Letras, 1996, p. 184-191.
- BÓIA, Wilson. *Antônio Sales e sua época*. Fortaleza: BNB, 1984.
- CAMINHA, Adolfo. A Padaria Espiritual. In: _____. *Cartas literárias*. Fortaleza: Edições UFC, 1999, p. 127-132.
- CARDOSO, Gleudson. *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso*. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.
- CARVALHO, Adherbal de. *O naturalismo no Brasil*. Maranhão: Livraria Contemporânea, Júlio Ramos & C. Editores, 1894.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

- _____. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal & ABREU, Márcia (org.). *Impressos no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 89-99.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MENDES, Leonardo. Não há nada firme no mundo: Adolfo Caminha, o naturalismo e a crise da civilização moderna. In: HELENA, Lucia (org.). *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2007, p. 177-194.
- MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1994.
- NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002.
- O pão da Padaria Espiritual*. Edição fac-similar. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/Academia Cearense de Letras/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.
- SALES, Antônio. *Retratos e lembranças*. Fortaleza: Waldemar de Castro e Silva Editor, 1938.
- _____. *Novos retratos e lembranças*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1995.
- SCOTT, John William Robertson. *Story of the Pall Mall Gazette, of its first editor Frederick Greenwood and of its founder George Murry Smith*. Oxford: Oxford University Press, 1950.
- TINHORÃO, José Ramos. *A província e o naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- WEBBER, Christopher. *The Zarzuela Companion*. New York: Scarecrow Press, 2002.

Recebido em 23.07.2012

Aceito em 17.09.2012